

HERANÇA

Sally J. Knower

A velha cadeira de balanço rangeu e estalou quando Jenny a empurrou com a mão. As molas do assento haviam furado a almofada de crina de cavalo e estavam à mostra. Apesar da iluminação fraca do sótão, ela podia enxergar a madeira manchada e o verniz descascado. Ela arrastou aquela relíquia até a escada e começou a descer com a cadeira, degrau por degrau, equilibrando-se desajeitadamente por causa de seu ventre volumoso. Quando chegou ao pé da escada, ela esticou os músculos das costas.

- Jenny Lester, o que você fez? Você não devia ter descido a escada com essa cadeira - repreendeu Audrea Lester.

- Não se preocupe, eu estou bem, mãe Lester.

O bebê contorceu-se e chutou em sinal de protesto. Sorrindo, ela passou a mão de leve na barriga para agradar aquele ser rebelde lá dentro e disse a ele:

- Espere um pouco. Um dia, vou balançar você na cadeira da vovó Lester.

Clara e Harry Lester compraram a cadeira de balanço logo após o casamento, em 1889. Ela foi adquirida em uma loja de móveis usados em Lincoln, Nebraska, e transportada de carroça até a fazenda do casal nos arredores de Fairbury. Harry poliu a madeira.

Clara revestiu o encosto e o assento com almofadas de crina de cavalo. Até as crianças nascerem, somente visitas especiais, como o reverendo Jorganson, sentavam-se nela. Depois, Clara a colocou entre o fogão de lenha e a mesa na cozinha, um cômodo da casa com muitas utilidades.

Clara apossou-se da cadeira para embalar as crianças. Ela as deixava ali balançando, enquanto mexia a panela para evitar que o cozido queimasse. Entre o preparo de um pote de geleia em conserva e outro, ela dava um empurrãozinho na cadeira, à qual as crianças ficavam presas com uma toalha para que não caíssem.

Quando seu terceiro filho contraiu febre escarlata e começou a delirar, ela arrastava a cadeira para todos os lugares aonde ia.

Deus, se é verdade que estás aí, ela suplicava em tom afrontoso, ajude-me a cuidar deste pequenino. Quando ele ficou curado, lágrimas de alívio molharam seu avental. Deus, acredito que tu és real. Obrigada por ter me salvado meu filho. Agora ele é teu, Senhor; e eu também.

A cadeira tornou-se seu altar e seu pódio. Ela se sentava com as pernas cruzadas e inclinava o corpo em direção à lâmpada para ler a Bíblia. Depois, colocava-a de frente para um dos cantos da sala a fim de isolar-se para orar.

A cadeira acompanhava o ritmo das cantigas de ninar e dos hinos de louvor. Acompanhava também as batidas de seu pé quando Harry extraía uma música de sua concertina.

Clara remendava as meias de seus filhos e abria vagens de feijão sentada na ampla almofada da cadeira de balanço. Quando os netos nasceram, eles se balançavam nos braços da cadeira.

Sentada na cadeira, ela cativava sua descendência contando histórias de aventuras verdadeiras, como aquela sobre o dia em que o cão raivoso entrou correndo na fazenda sem morder ninguém, ou sobre o tornado que arrancou as telhas da casa e ninguém ficou ferido. Contava a história de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que sobreviveram depois de ficarem dentro de uma fornalha ardente, e a história de Davi, quando ele matou Golias.

A cadeira foi colocada perto do leito de Harry, enquanto ele lutava contra o câncer. Clara sentava-se atenta ao lado dele e segurava-lhe a mão. Depois que ele morreu, ela levou a cadeira para perto do fogão, perguntando a si mesma se um dia voltaria a sentir-se aquecida.

Os impostos aumentaram, mas o dinheiro não. Os recursos de Clara começaram a diminuir. A fazenda precisava ser vendida. Ela sentou-se na cadeira, balançando para a frente e para trás, enquanto as peças, os equipamentos e os móveis eram leiloados. Cada objeto que ia embora parecia uma parte dela que estava sendo arrancada.

Clara ficou apenas com a cadeira. Levou-a consigo quando foi morar com o filho mais novo, Robert, e sua esposa, Audrea.

Audrea abriu espaço para colocar a cadeira. Não combinava com a mobília francesa provençal da casa da cidade. Ela acolheu a sogra, mas Clara sentia-se desconfortável, como se fosse um grão de milho dentro de um sapato domingueiro.

Foi, então, que Jimmy nasceu. O último neto a ser embalado nos seus braços e a puxar seus cabelos. À medida que ele crescia, ela encolhia. A baixa oxigenação no cérebro apagou, aos poucos, sua memória. Ela só se lembrava de Deus e de sua cadeira. Ruídos estranhos - motores de carro, buzinas e brecadas bruscas interrompiam-lhe o sono. Clara passava horas agitadas, embrulhada em um cobertor, orando e desejando voltar para casa.

Após sua morte, a velha e desgastada cadeira foi deixada no quarto de Jimmy. Ele adorou a ideia. Usava-a para caçar tigres.

Usava-a como charrete puxada por cavalos. Fazia os deveres de casa sentado nela, ao mesmo tempo em que ouvia o som barulhento de seu rádio. Ali, ele sonhava e planejava seu futuro.

A cadeira começou a estalar sob o peso de um menino que se transformou em homem.

Quando ele foi para a faculdade, seu velho quarto ficou destinado a hóspedes e servia como sala de leitura. A cadeira de balanço sumiu.

Uma colega com o rosto cheio de sardas chamou a atenção de Jimmy, e ele tornou-se seu namorado quando estava no último ano.

Os dois se casaram. Jenny trabalhava enquanto ele frequentava o seminário. Recebeu o primeiro convite para ser pastor de uma igreja na mesma época em que ia ser pai.

O primeiro filho do casal começou a crescer no ventre de Jenny.

- Eu gostaria de ter conservado a cadeira de minha avó - disse Jimmy, acariciando o ventre de Jenny. - Você poderia embalar nosso filho nela.

- Ou nossa filha - contra-argumentou Jenny.

- A velha cadeira de balanço era especial. Fiquei muito orgulhoso quando ganhei aquela cadeira. Eu gostaria de saber onde ela está agora.

- Mãe Lester - perguntou Jenny na primeira ocasião em que viu a sogra depois daquela conversa com o marido. - O que foi feito da cadeira de balanço que Jimmy tinha no quarto dele?

- Está no sótão - respondeu Audrea.

- Eu gostaria de vê-la. Tive uma ideia.

- Vou mostrá-la a você. Está mal conservada. Você vai ver que o enchimento está saindo para fora da capa da almofada e a madeira está manchada - disse Audrea assim que acendeu a luz do sótão.

Jenny passou a mão pelo encosto da cadeira.

- As manchas não são tão fortes. Acrescentaram um toque especial à cadeira. Vai dar um pouco de trabalho, mas acho que ela pode ser restaurada. Posso tentar? Eu gostaria de fazer uma surpresa a Jimmy. Seria um ótimo presente de aniversário.

- Você pode fazer o que quiser com ela. Pode até trabalhar nela no antigo quarto de Jimmy.

Enquanto mãe Lester arrumava o quarto de visitas, Jenny desceu a escada com a cadeira. Estava ansiosa demais para iniciar o trabalho.

A linda cor de carvalho reapareceu depois que Jenny lixou cuidadosamente a antiga superfície. A madeira brilhou sob a nova camada de verniz. Jenny prendeu as molas no lugar. Ficaram escondidas debaixo de uma nova capa.

No dia da festa de aniversário de Jimmy, Jenny passou uma fita ao redor do espaldar da cadeira, como se fosse a faixa de "Miss América".

- Que arte você está aprontando, Jenny Lester? - perguntou Jimmy quando ela o conduziu escada acima até seu antigo quarto.

- O seu sorriso diz tudo.

- Feche os olhos até eu abrir a porta. Melhor ainda, cubra os olhos com as mãos. - Ele obedeceu sem pestanejar. - Não vale espiar por entre os dedos!

- Você está parecendo uma criança feliz - disse Jimmy, rindo. Tem certeza de que já está na idade deter um filho?

- Está bem - ela disse depois de tê-lo posicionado em frente à cadeira. - Pode olhar. Feliz aniversário!

- A cadeira de balanço da vovó Lester! Oh, querida, que maravilha! - ele exclamou enquanto passava a faixa de Miss América ao redor do corpo de Jenny.

Naquela noite, em casa, Jimmy colocou a cadeira ao lado da cama de casal e sentou-se nela com Jenny no colo.

- É melhor eu sair daqui - disse Jenny quando a cadeira começou a ranger e a estalar. - Ela está reclamando.

- Não - disse Jimmy enquanto Jenny tentava levantar-se. Você não vai a lugar nenhum. Ela não está reclamando. Está apenas conversando conosco.

- Quer dizer que ela também fala? Parece que tem vida própria - brincou Jenny.

- Ela representa uma herança - disse Jimmy. - Quando nosso filho nascer, vou contar a ele sobre a herança de fé que começou com a vovó Lester e atravessou quatro gerações para chegar até ele.

- Ou ela - contra-argumentou Jenny, sonolenta.